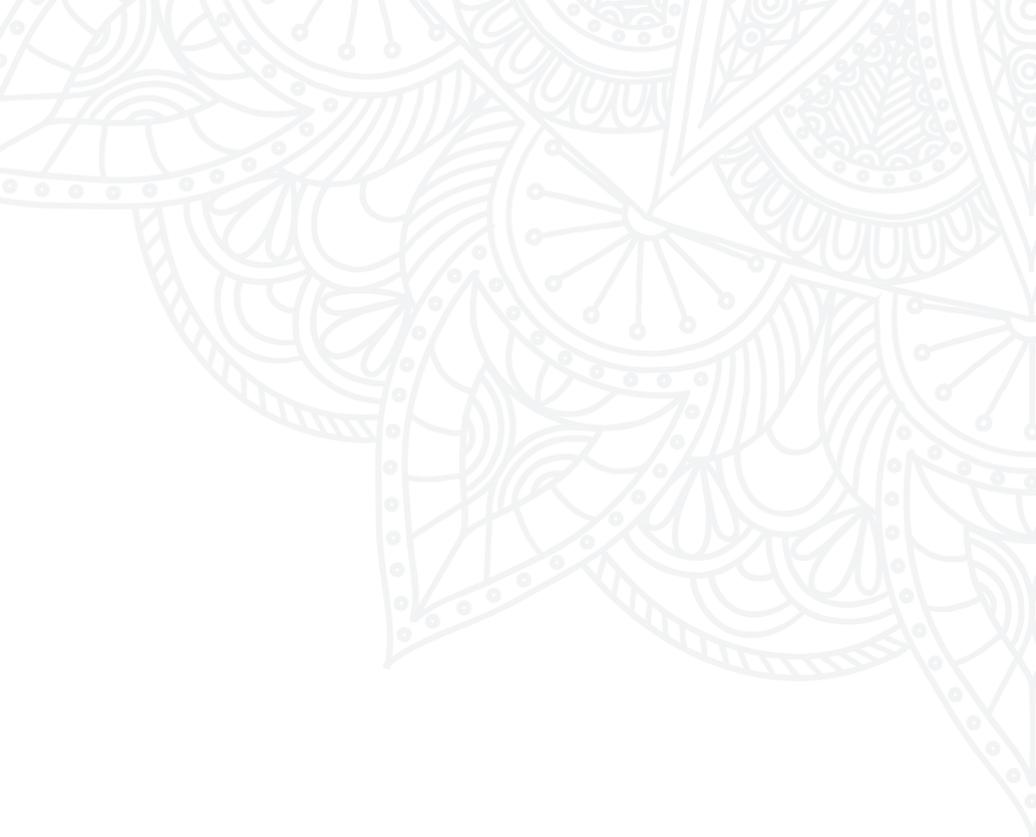


CARTAS COMPLETAS



Coleção CLÁSSICOS DO CRISTIANISMO

· *Cartas completas*, Santa Catarina de Sena

SANTA CATARINA DE SENA

Cartas completas



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Catarina de Sena, Santa, 1347-1380.
Cartas completas / [tradução João Alves Basílio].
— São Paulo: Paulus, 2016. Coleção Clássicos do cristianismo.

Título original: Le lettere di S. Caterina da Siena
Bibliografia.
ISBN 978-85-349-4448-9

1. Catarina, de Sena, Santa, 1347-1380 - Correspondência 2. Espiritualidade
I. Basílio, João Alves. II. Título. III. Série.

05-5438

CDD-248.22092

Índices para catálogo sistemático

1. Cartas: Santas místicas católicas: Cristianismo 248.22092
2. Santas místicas católicas: Cartas: Cristianismo 248.22092

Título original

Le lettere di S. Caterina da Siena

(a cura di Piero Misciatelli, Libreria Editrice Giuntini e Bentivoglio, 1913)
confrontado com as edições: de P.M. Lodovico Ferretti (Siena, Tipografia S. Caterina, 1918)
e de D. Umberto Meattini (Edizioni Paoline, Roma, 1966).

Os títulos e subtítulos das Cartas são do tradutor, bem como o índice analítico.

Capa

Raquel Ferreira

Tradução

Frei João Alves Basílio O.P.

Editoração, impressão e acabamento
PAULUS

1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 · Tel. (11) 5084-3066
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4448-9

CATARINA DE SENA E SUAS CARTAS*

Primeiros anos da vida e da atividade

Em 1347, nasce Catarina di Benincasa em Sena (Itália), seu epônimo.¹ É a 24ª dos 25 filhos dos artesãos Tiago di Benincasa e Lapa dei Piagenti, casal cristão.

Aquela que se pode designar como a primeira experiência extática de sua vida mística deu-se quando tinha apenas seis anos de idade (1353): voltando com o irmão Estêvão da casa de sua irmã Boaventura, tem uma visão do Cristo Senhor, ladeado pelos santos Pedro, Paulo e João, pairando sobre a igreja de São Domingos. Nessa visão, Catarina experimenta de tal modo o afeto do Cristo que, a partir de então, sua vida foi toda devotada a ele.

Embora possa ter feito voto secreto de virgindade com apenas sete ou oito anos (1354/1355), ao chegar à idade núbil (1359/1360), sob insistência de sua família, deixa transparecer sua beleza. Mas, quando a mãe lhe apresenta um pretendente, Catarina se recusa a casar-se e, pouco depois, corta os longos cabelos, põe-se o véu das consagradas e intensifica sua vida ascética – considerando que se deixou levar por sentimentos de vaidade. Como punição por ter cortado o próprio cabelo, a mãe a incumbe de todos os afazeres domésticos e a proíbe de usar seu quarto de orações. Catarina acata humilde e generosamente, pensando em seu pai como se fosse o próprio Jesus Cristo, e em sua mãe como se fosse a própria Mãe de Deus.

A família não desiste da ideia de que ela se case. Pouco mais tarde, porém, Catarina, tendo sido encorajada em sonho por São

* Heres Drian de O. Freitas

¹ Para detalhes sobre sua vida, ver sua primeira biografia, escrita por seu contemporâneo RAIMONDO DA CAPUA, *Legenda Maior*, que o leitor talvez encontre em português sob o título de *Biografia* ou *Vida de Santa Catarina*; E. D. THESEIDER, “Caterina da Siena”, em *Dizionario Biografico degli Italiani*, Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1979, vol. 22, p. 361-378; J. A. BASÍLIO, *Vida de Santa Catarina de Sena*, São Paulo: Paulus, 2013⁸; B. SESÉ, *Catarina de Sena. Uma biografia*, São Paulo: Paulinas, 2015.

Domingos, expõe à família sua anterior consagração e sua decisão pessoal de levá-la adiante. Seu pai, então, não sem considerar algum prévio sinal miraculoso, consente que a filha retome sua vida ascética.

Com 15 ou 16 anos (1362/1363), entra – depois de não pouca resistência e dificuldade – para a Ordem da Penitência de São Domingos, a Ordem Terceira, que seu santo fundador chamou de Milícia de Jesus Cristo. Seus membros eram, em sua maioria, senhoras viúvas, leigas que viviam em suas próprias casas. Essas senhoras eram conhecidas como *mantellate* – de manto, por usarem um manto preto sobre as vestes brancas –, dedicavam-se à oração e a obras de caridade. Catarina transcorre alguns anos quase completamente recolhida em intensa vida ascética, com constantes experiências místicas e muitas tentações.

Em um de seus êxtases, em 1367 ou 1368, numa espécie de exuberante festa celeste, a Virgem Maria oficia o matrimônio de Catarina com o Cristo, que a recebe como esposa e, então com cerca de 21 anos, por mandato divino, ela inicia seu apostolado. A caridade que até então demonstrara mais por obrigação tornou-se vocação no seio de sua família e na assistência a pobres e necessitados. Em 1368, seu pai adoece e falece. Catarina se oferece para sofrer no lugar dele, caso ele tivesse de padecer alguma expiação no purgatório.² O Senhor acolhe sua proposta e lhe concede sofrer pelo pai as tribulações que ela encontrará em vida.

Suas refeições, já muito frugais, reduzem-se, por volta de 1370, apenas à Eucaristia cotidiana. Conversões admiráveis realizam-se por seu intermédio. Em suas visitas aos doentes do hospital Santa Maria della Scalla, encontra os membros da Confraria dos Discípulos da Virgem Maria, que lá se reuniam em encontros semanais abertos a todos e nos quais todos poderiam falar. Catarina começa a participar desses encontros e destaca-se, tornando-se uma espécie de “mestra de fé”, ou de “diretora espiritual”, e lhe é confiada a liderança desses encontros, nos quais reza, exorta, ensina. Leigos, de diversas classes sociais, religiosos e sacerdotes frequentam tais encontros. Já bastante conhecida, sua autoridade ganha ainda maior fama. Alguns dos frequentadores de seus encontros, e outros que lhe vinham pedir

² O que mais tarde fará também por outros; cf., por exemplo, *Carta 99*, 4.

conselhos em particular sobre os mais diversos tipos de problemas, tornam-se discípulos de Catarina, que reconhecerão nela, não obstante seus cerca de 24 anos, sua *mamma* - mãe. Esses seus discípulos serão conhecidos como “família catariniana”. Além do dom do discernimento dos espíritos, sinais e prodígios miraculosos acompanham suas atividades.

Em 1370, outra experiência marca-a profundamente: Catarina “morre misticamente”. Nessa experiência, ela vê Deus a recebê-la e a mandá-la de volta para uma vida nova, uma nova missão para a salvação dos homens. Essa sua nova missão consiste em dirigir-se, com a sabedoria divina, a papas, bispos, governantes e todos os cristãos.

A nova missão: as Cartas

Recebida a nova incumbência, a intensa e profícua atividade epistolar de Catarina tem início. Em suas mais de 380 *Cartas* que chegaram até nós, três elementos são, praticamente, uma constante: o retorno do papado a Roma, o incentivo da cruzada para recuperação dos lugares santos e a reforma da Igreja. Mas sua insistência em tais elementos tinha como objetivo último seu “desejo ardente” de paz.³

Com efeito, a sociedade dos dias de Catarina é dilacerada por muitos e variados conflitos: eclesiais, civis, familiares.

Quando Catarina nasceu (1347), fazia mais de 35 anos que o papado havia deixado Roma e se instalado em Avinhão,⁴ onde permaneceu por quase 70 anos (1309-1377).⁵

³ Ver, todavia, abaixo, n. 21, a consideração de M. Voglione.

⁴ Nas proximidades do condado Venaissin, território pontifício desde 1274, dado ao papado pelo conde Alfonso III de Poitiers, Avinhão foi propriedade do reino de Nápoles até 1348, quando foi comprada pelo papado.

⁵ Esse período, conhecido, entre outras expressões, como *cativoiro avinhonês*, foi por muito tempo considerado – e defendido como – período em que os papas estiveram como prisioneiros do rei da França. A historiografia contemporânea, todavia, revisitando e reavaliando a questão, já não afirma ter-se tratado de encarceramento dos papas por parte da coroa francesa. Sobre o referido período, ver B. GUILLEMAIN, *La crisi del Trecento ed il papato avignonese*, em A. FLICHE / V. MARTIN, *Storia della Chiesa*, vol. 11, Cinisello Balsamo: San Paolo, 1995; *Id.*, *Il papato ad Avignone*, Cinisello Balsamo: San Paolo, 2003.

No início do século XIV, a nobreza local, em luta entre si,⁶ provocava embates que dificultavam e ameaçavam a presença do pontífice – e mesmo do colégio cardinalício – em Roma. Após a morte de Bento XI (1303-1304), o conclave de 1304-1305, reunido em Perúgia, elegeu Bertrand de Got, arcebispo de Bordeaux, que assumiu o nome de Clemente V. Bertrand pediu que fosse – e foi – coroado em Lião. Em seguida, se estabeleceu, para evitar os perigos de Roma, em Poitiers. Mais tarde (1309), porém, para se subtrair à provável ingerência da potente coroa francesa, transferiu, com o consentimento da coroa napolitana, a corte papal para Avinhão.⁷

Durante a ausência dos papas, Roma é administrada por legados pontifícios, cardeais empenhados mais em gerir o patrimônio da Igreja romana que em salvaguardar a ordem e a disciplina eclesíásticas. Sem a presença do papa e da corte pontifícia, sem um governo estável, Roma fica praticamente desgovernada: assassinios, lutas e rebeliões sangrentas são frequentes, sendo suprimidas por incursões do exército pontifício ou por mercenários contratados pelos papas e mandados a Roma e às cidades do território papal. Para manter a corte e os exércitos, o fisco oprime os cidadãos do Estado Pontifício.⁸ O retorno do papa é suplicado, sem êxito, pelos fiéis. Urbano V (1362-1370), influenciado por Santa Brígida da Suécia (1303-1373), promotora do retorno do papado a Roma, voltou à península Itálica; mas não ficou por muito tempo e retornou a Avinhão. É durante o

⁶ Particularmente as famílias Orsini e Colonna. Tais famílias disputavam poder entre si e opunham-se, sobremaneira os Colonna, à reivindicação pontifícia do próprio poder. Os Colonna, ademais, apoiavam o rei da França, maior opositor das pretensões pontifícias sobre as coroas europeias.

⁷ Contudo, o número e a força dos cardeais franceses não deixaram de mostrar sua influência. Isso é perceptível particularmente nos conclaves do período avinhonês, que só elegeram papas franceses, que acabavam, de um modo ou de outro – embora não raramente a contragosto –, fazendo concessões à coroa francesa. Da corte, espiritualmente pobre, de modo geral, em Avinhão, sete papas regem a Igreja: Clemente V (1305-1314), João XXII (1316-1334), Bento XII (1334-1342), Clemente VI (1342-1352), Inocêncio VI (1352-1362), Urbano V (1362-1370) e Gregório XI (1370-1378). A atual estrutura administrativa da cúria romana deve muito à organização que as cortes adquirem nos anos de Avinhão.

⁸ Entendendo-se, pelo meio da península Itálica, da costa do Tirreno à do Adriático, o Estado Pontifício abrangia regiões do Lácio, Úmbria, Marcas e Emília-Romanha. Sobre o Estado Pontifício, ver “Papal States”, em M. BUNSON, *OSV's Encyclopedia of Catholic History*, Huntington: Our Sunday Visitor Publishing Division, 2004, p. 666ss.

papado seguinte (Gregório XI, 1370-1378) que Catarina estabelece relações, por intermédio dos legados pontifícios na Itália,⁹ com a Santa Sé, ainda instalada em terras avinhonesas.

Catarina endereça 14 cartas a Gregório XI. Nos passos de Brígida da Suécia,¹⁰ insiste com o papa para que retorne a Roma.¹¹

A situação em outras regiões da península Itálica não é muito diferente da de Roma, embora, inicialmente, houvesse alguma variação entre o Norte e o Sul: no Norte predominam cidades governadas por comuns que assumiam a administração por tempo determinado; no Sul, predomina ainda um sistema de tipo feudal, que caracteriza também o Estado Pontifício. Enquanto no Sul se fortalecem as coroas siciliana e napolitana, no Norte as comunas degradingolam em senhorios,¹² não poucas vezes muito disputados – particularmente a fio de espada – por famílias ou grupos rivais. Mas não só: o século precedente (XIII) foi um período de grande crescimento demográfico por toda a península, com conseqüente falta de recursos no século que vê o nascimento de Catarina. Abalada a economia, aumenta a pobreza e a revolta da população, tanto rural como urbana.¹³ Em tais circunstâncias, pesava, quer sobre o Estado Pontifício quer sobre as Cidades-Estado – ou ducados ou condados... – que não se encontravam sob autoridade papal, o gravame das guerras entre si.

⁹ Particularmente Berengário, abade de Lézat, e Pedro d'Estaigne. Sobre este último, ver Carta 7, n. 5.

¹⁰ Parece, porém, não haver registro de que as duas santas se tenham conhecido.

¹¹ Cf., por exemplo, *Cartas* 196, 206, 218, 229, 231, 233, 238. O papa, não sem hesitação, como já tivesse intenção de fazê-lo, transfere o papado de volta a Roma (1377), pouco antes de sua morte (1378). Gregório XI é o último legítimo papa do período de Avinhão.

¹² A esse respeito, ver P. JONES, *The Italian City-State: From Commune to Signoria*, Oxford University Press, 2004, sobremaneira a partir da p. 103. Essa administração da cidade por comuns e por tempo determinado, todavia, está na base da formação dos futuros Estados modernos.

¹³ Ver, a propósito, os artigos sobre a península itálica em M. BOURIN et alii (orgs.), *Rivolte urbane e rivolte contadine nell'Europa del trecento. Un confronto*, Firenze University Press, 2008, particularmente p. 93-104 e 217-322. Para a história da península no referido período, ver M. GUIDETTI (org.), *Storia d'Italia e d'Europa. Comunità e popoli*, vol. 2: *Apogeo e crisi del Medioevo*, Milano: Jaca Book, 1989. A diferença entre pobres e abastados certamente aumentou com a *peste negra*, que assolou a Europa, dizimando 1 de cada 3 habitantes. Ver, abaixo, indicação bibliográfica na n. 30.

Catarina cumpre fielmente sua missão e escreve indistintamente a todos. Suas Cartas, com efeito, têm destinatários de todas as extrações eclesíásticas e sociais, de simples frades a papas,¹⁴ de simples leigos a reis e rainhas.¹⁵ Aos eclesíásticos pede que observem com fidelidade seus deveres religiosos;¹⁶ aos governantes e aos nobres, que zelem pela paz e pelas questões públicas e políticas, que sejam justos, que não se rebelem contra o papa, que lhe sejam fiéis e o auxiliem.¹⁷

Não poucas vezes, Catarina pede a reforma da Igreja¹⁸ e a convocação de uma cruzada.¹⁹ De fato, em meio à desordem política e socioeconômica, os “homens de Igreja” não se mostravam muito primorosos na vivência dos valores evangélicos,²⁰ refletindo, em suas vidas, o modo de viver do século. Quanto ao convite à cruzada, se por um lado, os cristãos são chamados a estar em paz entre si, são, por outro, chamados a pôr-se unidos em guerra para reaver a Terra Santa.²¹

¹⁴ De suas *Cartas*, 47 são endereçadas a frades e eremitas, 51 a monges e monjas, 9 a sacerdotes, 19 a cardeais, bispos e dignitários eclesiais, 23 a papas (Gregório IX e Urbano VI).

¹⁵ 38 *Cartas* têm governantes e aristocratas como destinatários; 29, nobres senhoras; 6, comandantes militares; 32, seus discípulos; 16, membros de sua família; 50, destinatários diversos (a um juiz, a advogados, a artesãos, a médicos...); 11, membros de associações leigas; 17, membros de sua Ordem.

¹⁶ Cf., por exemplo, *Cartas* 26, 55, 56, 67, 77, 86, 174, 275.

¹⁷ Cf., por exemplo, *Cartas* 123, 168, 180, 268, 311, 337, 350, 377.

¹⁸ Cf., por exemplo, *Cartas* 109, 206, 209, 218, 255, 270, 285, 351.

¹⁹ Cf. *Cartas* 66, 130, 131, 132, 133, 138, 140, 141, 177, 207, 218, 223, 229, 238, 257, 270, 315, 374. Em 1375, segundo Catarina (cf. Carta 144), Gregório XI chegou a emitir uma bula afirmando que convocaria a cruzada, se tivesse apoio, o que jamais aconteceu. A cruzada a que Catarina se refere é contra os muçulmanos (que ela quer ver convertidos; ver, abaixo, n. 21). As cruzadas tiveram início no século XI, como resposta à expansão muçulmana (iniciada no séc. VII) sobre territórios cristãos. A primeira cruzada deu-se sob o pontificado de Urbano II (1088-1099), em resposta ao pedido de ajuda do imperador bizantino Aleixo Comneno (1081-1118), diante da referida expansão. Seguiram-se outras oito cruzadas ao longo dos anos seguintes, sendo a última entre 1271-1272. Em 1303, caiu o último território dos cruzados (Rodes), todo o oriente médio e o Mediterrâneo oriental estavam nas mãos dos muçulmanos. Para detalhes, ver J. RILEY-SMITH (org.), *The Oxford History of the Crusades*, Oxford University Press, 2002.

²⁰ Cf., por exemplo, *Cartas* 16, 88, 109, 334.

²¹ O que poderia tratar-se, talvez, de promoção de uma causa comum que unisse os italianos (e os europeus; cf. Carta 235, ao rei da França, em guerra com os ingleses na famosa *Guerra dos Cem Anos*), particularmente em obediência ao papa. Cf., por exemplo, *Cartas* 140, 177 e 207. Mas também para que os muçulmanos aderissem

Catarina, portanto, intervém nas mais distintas realidades de seu tempo, as quais, obviamente, não lhe passam de modo algum despercebidas. Sua mística, então, não a “desconecta”, como pensariam alguns acerca da vida dos místicos, do mundo em que vive. Pelo contrário, é atenta às realidades divinas – às quais esteve sempre estreitamente unida e das quais foi incansável promotora – sem perder de vista as humanas.²² Intervém decisivamente: sem meias palavras, embora com respeito, não poupa críticas nem à autoridade civil nem à religiosa, que reconhece e às quais se submete, esperando, todavia, a realização das mudanças necessárias.²³

Suas *Cartas* são ótima fonte para conhecer seu espírito de amante da vida espiritual e dos mais nobres valores fundados na fé e na caridade de Cristo. Mostram Catarina como portadora de uma mensagem ligada a realidades que lhe são infinitamente superiores, sem as quais ela não seria Catarina de Sena – e sem as quais o cristianismo não seria o cristianismo. Ela, certa de que o encontro com Cristo transforma profundamente quem o encontra e deixa-se encontrar por ele, não se abate diante das dificuldades que encontra, e põe-se, sem reservas, diante dos homens, quaisquer que sejam, como arauto de tal encontro. Assim, a paz qual instância última de suas insistências não parece nem casual nem meio para outro fim;²⁴ só em paz os cidadãos podem viver tranquilamente suas vidas, não só como cidadãos deste mundo, mas também como irmãos a caminho de uma pátria superior, impulsionados pela mesma realidade divina.

ao Cristo (cf. *Carta* 133) e para evitar um maior perigo para a Europa (cf. *Carta* 145). M. VOGLIONE, “*Deus vult?*” *Cambimento e persistenza dell’idea di Crociata nella Chiesa. Dal II Concilio di Lione alla morte di Pio II (1274-1464)*, Roma: Nuova Cultura, p. 64, n. 107, considera a paz tão almejada por Catarina não como seu desejo último, mas como condição essencial para a reforma da Igreja e a realização da cruzada, o que não é impossível, já que, em luta com outros Estados italianos, o Estado Pontifício, sozinho, não poderia partir em cruzada. A esse respeito, ver, acima, n. 19.

²²Cf. a esse respeito, J. B. METZ, *Mística de olhos abertos*, São Paulo: Paulus, 2013.

²³Cf. R. LIBRANDI, “Le strategie del chiedere nelle ‘Lettere’ di Caterina da Siena”, em *Quaderns d’Italià* (Universitat Autònoma de Barcelona), n. 6 (2001), p. 83-100.

²⁴Ver, acima, n. 21, consideração de M. Vogliione.

A “secretaria” de Catarina

Analfabeta,²⁵ Catarina teve vários “secretários” a seu serviço, dentre os quais destacamos os seguintes: Cristóvão di Gano Guidini: discípulo de Catarina, foi o responsável pela primeira coleção de suas cartas. Neri di Landoccio Pagliaresi: nobre e poeta, foi um de seus primeiros discípulos. Onze cartas de Catarina lhe são destinadas. O florentino Barducio Canigiani também foi discípulo de Catarina e acompanhou-a em sua viagem a Roma. Nas disputas entre Florença e o Estado Pontifício, sua família apoiava o papado. Seu irmão, Restoro Canigiani, é destinatário de cinco cartas.

Estêvão Maconi foi outro de seus discípulos. Por intermédio de Catarina, a família Maconi evitou o derramamento de sangue em luta com os Tolomei, família com a qual a de Estêvão tivera um desentendimento. Estêvão acompanhou Catarina em sua viagem a Avinhão e a Roma, presenciando sua morte. Também recolheu suas cartas. Há doze cartas destinadas a ele e duas a sua mãe, Joana Corrado Maconi. Mas a Catarina também foi auxiliada por mulheres neste trabalho, dentre as quais, *mantellate* como Catarina, se destacam Alessia Saracini, Caterina de Ghetto, Francesca Gori e Mona Rapiera.

Os secretários e secretárias foram fiéis ao transcrever as palavras da santa, cujos originais foram grafados em língua vernácula, não em latim, como costumava ser. Por isso as cartas conservam certa unidade de estilo – estilo, aliás, de inspiração mística, estado em que Catarina ditava suas cartas, como se diz que costumava ser –, perfeitamente harmônico com o estilo do *Diálogo* e de suas *Orações*.²⁶

²⁵ Embora, nos últimos anos de vida, tenha miraculosamente aprendido a escrever; cf. *Carta* 272, 12. O milagre também é reportado por RAIMONDO DA CAPUA, *Legenda Maior*, I, XI, 7.

²⁶ Para questões de mística e de aspectos literários das *Cartas*, vejam-se os artigos em L. LEONARDI / P. TRIFONE (orgs.), *Dire l'ineffabile. Caterina da Siena e il linguaggio della mistica, Atti del Convegno (Siena, 13-14 novembre 2003)*, Firenze: SISMEL-Edizioni del Galluzzo, 2006 [La mistica cristiana tra Oriente e Occidente 5]. Sobre as origens da mística cristã, ver B. MCGINN, *As origens da mística: das origens ao século V*, São Paulo: Paulus, 2012.

Últimos anos

Como toda essa atividade literário-epistolar – da qual não demos mais que pálida uma amostra – deu-se no arco de seus dez últimos anos de vida, cuja narração foi interrompida para tratar da vocação que legou suas cartas até nós, é preciso voltar à década de 1370.

Catarina transcorre os meses de maio e junho de 1374 em Florença,²⁷ onde estava reunido o Capítulo Geral dos dominicanos e onde conheceu frei Raimundo de Cápua, que, desde então, foi seu diretor espiritual, confessor²⁸ e discípulo. Essa é a primeira de outras viagens que fará.²⁹

Bastaram dois meses para que a peste abatesse Sena.³⁰ De fato, ao voltar a sua terra, Catarina encontra aí morte – inclusive de três de seus irmãos de sangue e de oito de seus sobrinhos – e fome. Ela se desdobra ainda mais em caridade e atenção aos necessitados. Algumas curas são realizadas por seu intermédio.

Após algumas idas e vindas,³¹ em 1377, Catarina obtém da cidade de Sena o direito de propriedade sobre um castelo em Belcaro,

²⁷ Sobre a *peste negra*, ver, acima, n. 13, e, abaixo, indicação bibliográfica na n. 30.

²⁸ Funções até então desempenhadas por seu familiar, o também dominicano Tomás della Fonte.

²⁹ Naquele mesmo ano (1374), no segundo semestre, faz uma espécie de retiro no mosteiro dominicano de Montepulciano. No ano seguinte, por duas vezes, vai a Pisa. Na primeira delas, em êxtase, Catarina recebe os estigmas de Cristo, pedindo-lhe que não sejam visíveis. Na segunda vez, quando se dirigiu também a Lucca, foi como “embaixadora” de Gregório XI, que deseja que tais cidades não se aliem a Florença contra o Estado Pontifício. Por questões econômicas e comerciais, Florença motivava outras cidades-Estado, e mesmo cidades sob domínio papal, a rebelarem-se e unirem-se contra o Estado Pontifício. Gregório XI, depois de várias tentativas de acordo, excomungou toda Florença e impôs-lhe pesadas sanções. O governo de Florença chama Catarina e pede-lhe que vá a Avinhão negociar a paz com o papa. Ela o faz em 1375-1376, embora não se possa dizer que tenha tido êxito. No final de 1377, vai Val d’Orcia para estabelecer a paz entre os irmãos Salimbeni, que se tinham desentendido quanto a perdoar ou vingar familiares mortos por uma família rival. Nesse mesmo ano, de volta a Sena, recebe do papa o pedido de ir como sua embaixadora a Florença, a fim de estabelecer a paz. Os revoltosos e favoráveis à guerra chegam a queimar casas de discípulos de Catarina e a ameaçá-la. É já 1378. Em Florença, Catarina recebe a notícia da morte do papa e da eleição de Urbano VI.

³⁰ Acerca da peste, ver *La peste nera: dati di una realtà ed elementi di una interpretazione. Atti del XXX Convegno storico internazionale, Todi, 10-13 ottobre 1993*, Spoleto: Centro Italiano di Studi sull’Alto Medioevo, 1994.

³¹ Ver, acima, n. 29.

que lhe havia sido dado por Nanni dei Savini, a quem Catarina convertera anos antes. Ela o reforma e transforma no mosteiro de Santa Maria dos Anjos, de estrita observância. Nesse mesmo ano, começa a ditar seu livro: *O diálogo*.³²

Em março do ano seguinte (1378), morre Gregório XI. Sua sucessão é tumultuada: o povo pede um papa romano, e o conclave elege o arcebispo de Bari, Bartolomeu Prignano. Para aplacar os romanos, os cardeais apresentam como eleito o cardeal romano Tebaldeschi, convencendo-os, depois, a aceitar a eleição de Prignano, que foi coroado como Urbano VI (1378-1389).³³ Sabendo de seu temperamento difícil e de suas indisposições com bispos e cardeais, Catarina lhe escreve e pede que tenha paciência.³⁴ Os cardeais, contrariados com o papa e seu desejo de imediata reforma eclesial, retiram-se de Roma, convocam Urbano VI – que se recusa a comparecer diante deles – e elegem um novo papa: Clemente VII (antipapa, 1378-1394).³⁵ Urbano VI chama Catarina a Roma. É a última viagem que fará.

No final de 1378 ela se encontra em Roma, com vários de seus discípulos, para bater-se, com discursos e cartas, pela unidade da Igreja, em favor de Urbano VI, que reconhece como legítimo papa. A cisão não implicava somente leves questões religiosas. Em pouco tempo, coroas europeias dividiam-se em apoio a um ou outro papa. A disputa estava na iminência de grandes confrontos militares, quando, em 1379, depois de algumas derrotas, o antipapa Clemente VII retira-se em Avinhão.

Em 1380, já no início do ano, Catarina encontra-se debilitada. Menciona que fortes dores físicas a afligem. Mesmo assim, em meio a dores, não cessam suas experiências místicas, nas quais recebe o conforto do Cristo.³⁶

³² Santa Catarina de Sena, *O diálogo*, São Paulo: Paulus, 201514.

³³ Cf. *Carta* 310.

³⁴ Cf. *Carta* 302. Ela lhe endereçará ao todo nove cartas: 291, 305, 306, 346, 351, 364, 370, 371 e a indicada no início desta nota.

³⁵ Que leva o papado de volta a Avinhão e dá início ao *Grande cisma do Ocidente*, em que cinco antipapas (além do já indicado: Bento XIII, 1394-1423; Clemente VIII, 1423-1429; Bento XIV, 1425-1430; Bento XIV, [que desconsiderou o antecessor daí, novamente “XIV”], 1430-1437) se manterão sucessivamente, por cerca de 40 anos, até a resolução da questão no Concílio de Constança (1414-1417). A esse respeito, vejam-se B. MONDIN, *Nuovo dizionario enciclopedico dei papi. Storia e insegnamenti*, Roma: Città Nuova, 2006, e A. GALLI, *Gli antipapi del Grande Scisma d’Occidente*, Milano: Sugarco, 2011.

³⁶ Cf. *Carta* 373.

Catarina falece em 29 de abril de 1380. A santidade de sua vida é reconhecida oficialmente cerca de 80 anos mais tarde (1461), quando é canonizada por Pio II (1458-1464). Pio IX, em 1866, declara-a segunda padroeira de Roma. Em 1939 é declarada segunda padroeira da Itália por Pio XII (1939-1958). Paulo VI (1963-1978), em 1970, declara-a doutora da Igreja; e, em 1999, João Paulo II (1978-2005) a declara padroeira da Europa.

Durante sua vida, Santa Catarina adquirira grande fama, mas nem tudo foram flores. Ela mesma conta suas dificuldades e as críticas – inclusive do clero e de prelados – que lhe foram feitas.³⁷ Embora conhecida, sua morte parece não ter repercutido senão entre seus discípulos, ainda que estes últimos – bem como todo aquele que se encontrou com ela – conhecessem de perto a santidade exalada de sua vida cristã, na qual mística e apostolado/política unem-se numa dignidade ímpar. Suas Cartas deixam isso claro. A sobrevivência de suas obras, particularmente de suas Cartas, são um indício do quanto sua mensagem é viva e atual. Afinal, refletem a vida da Igreja e de cada cristão, do clero e de leigos: precisam ser lembrados do núcleo de sua existência, já que não raramente podem ser absorvidos por elementos secundários – quando não se servem dos valores cristãos em defesa de interesses próprios –, e que esse núcleo chama-se amor, desdobrado em dois, a Deus e ao próximo.³⁸

³⁷ Cf., por exemplo, *Cartas* 93, 119, 122, 123, 126, 214, 220 e 250.

³⁸ Cf., por exemplo, *Cartas* 19, 49, 50 e 90.

INTRODUÇÃO DO TRADUTOR

1. Ajudados pela graça divina publicamos recentemente pela Paulus Editora os seguintes livros de ou sobre santa Catarina de Sena, grande mística dominicana, doutora da Igreja e co-padroeira da Europa ao lado de Santa Brígida da Suécia e Santa Teresa Benedita da Cruz. Em 1985 foi editada a sua obra-prima *O diálogo*, em 1993 *A vida*, em 1996 *As orações*, e em 1998, 33 *Cartas*. Hoje, temos a satisfação de apresentar aos numerosos *filhos e discípulos*, disseminados pelos países de língua portuguesa, a tradução do Epistolário completo da mística senense.

2. Na sua CARTA 373, que foi verdadeira e comovente despedida do confessor e diretor espiritual Frei Raimundo de Cápuia, Catarina deixou escrito: “Peço ainda a vós, a Frei Bartolomeu Dominici, a Frei Tomás della Fonte e ao Mestre João Tantucci, que guardeis o Livro (*O diálogo*) e os demais escritos meus. Junto com Tomás Buonconti, fazei deles o que vos parecer mais útil para a glória divina. Ao lê-los, encontrei algum proveito”. Podemos imaginar com quanto ardor os apaixonados admiradores de Catarina se puseram a recolher cópias das 381 cartas, escritas por Catarina nos seus últimos dez anos de vida. A quem? A papas, cardeais, arcebispos, bispos, sacerdotes, monges e monjas, religiosos e religiosas, reis e rainhas, governantes, senadores, magistrados, embaixadores, comandantes militares, médicos, juizes, advogados, tabeliães, estudiosos, artistas, familiares, esposos, viúvas, encarcerados, prostitutas e leigos em geral.

3. Cada Carta começa com um *Número*, que vai progressivamente crescendo conforme o modelo usado nas edições atuais; com um *Título* de nossa inventiva e que procura dar a idéia geral do assunto abordado por Catarina, e com o *Nome* do(s) destinatário(s).

Costuma Catarina logo em seguida saudar a pessoa e dizer com muita exatidão a finalidade que pretende alcançar com sua mensagem. Indicamos tudo isso com as palavras *Saudação* e *objetivo*. A *Saudação* inclui um ou dois adjetivos. Os mais comuns são *caríssimo*,

diletíssimo, reverendo (aplicado também a leigos), *reverendíssimo, venerável, santíssimo e dulcíssimo*. Costumamos usar na tradução um ou dois adjetivos. A palavra *dolce* (*doce*), quando aplicada a Maria no início da Carta, é substituída pelo adjetivo *amável*. Quanto ao *Objetivo*, quase sempre Catarina o recorda no fim da carta com as palavras: *Por isso eu disse antes que estava desejosa de vos ver...*

O *Corpo* da Carta sempre revela uma reflexão antecedente muito profunda e completa de Catarina. O assunto principal normalmente é abordado aos poucos, vagarosamente. Catarina era uma grande pensadora e olhava o assunto principal sob diversos pontos de vista. Tinha grande facilidade de palavras, férrea unidade e associação de idéias, ótima memória sobre afirmações feitas precedentemente. Muitas vezes queixa-se que suas palavras são insuficientes para exprimir o que pretende dizer, sobretudo quando fala dos mistérios divinos.

4. Nosso trabalho não é obra de estudioso especialista no assunto, mas de simples vulgarizador. Realizando nossas pesquisas de caráter linguístico, histórico e geográfico com certa escassez de recursos bibliográficos, pedimos que não se exija muito das notas de rodapé, que procuram situar o leitor no ambiente humano em que a carta surgiu. A divisão das Cartas em itens quer facilitar a leitura. Em nossos dias todos preferem ler textos curtos e de fácil visualização.

5. Conforme diz G. Bertoni, em Piero Chiminelli, *santa Caterina da Siena*, Sales, Roma, p. 27, encontramos de tudo nas Cartas de Catarina de Sena: o apaixonado, o lúgubre, o trágico, o terno, o suave, o tempestuoso, o sereno, a lágrima, o sorriso, o amor por Deus e pela humanidade, o amor para cada ser existente no mundo, o amor para cada pessoa. O modo de Catarina se expressar pertence às origens da língua italiana e contém expressões e modos de dizer arcaicos. Mas é de uma beleza e riqueza muito grandes. Catarina amava a linguagem figurada e imaginosa, se podemos dizer assim. A alma humana é uma cidade, porta de entrada é a vontade da pessoa; porteiro é o livre-arbítrio; cão de guarda é a consciência. Outra vez, a alma humana é uma vinha. Portão de entrada é sempre a vontade; cultivador é o livre-arbítrio; no centro da vinha há uma fonte de sangue, usado para regar a plantação de virtudes com o regador do coração humano. O leitor pode imaginar que não nos é fácil retratar tal exuberância.

6. Catarina de Sena é doutora da Igreja católica e tem uma visão segura dos mistérios da fé. Mas isso não impede que use uma linguagem filosoficamente imperfeita ao se referir aos componentes da psicologia humana. A título de exemplo: fala de duas vontades no homem, uma espiritual, outra sensível. Também a palavra *sensualidade* contém muito da nossa palavra *sensibilidade*, mas com forte conotação de tendência ao pecado. Mas não é um sinônimo do conceito de *sensual* dos nossos dias. Ao longo da tradução também falaremos de alguns períodos gramaticais de difícil compreensão e tradução, citando em nota, às vezes, o texto original para que o leitor possa fazer a comparação. De nossa parte tudo fizemos para seguir o conselho de Santo Tomás de Aquino: “O bom tradutor, conservando o sentido das verdades que traduz, deve adaptar seu estilo ao gênio da língua em que se exprime” (prólogo do opúsculo “Contra os erros dos gregos”). Em outras palavras: procuramos fazer Catarina falar de Deus e do homem, da Igreja e do mundo em nossa linguagem.

Santa Cruz do Rio Pardo (SP) – Natal de 2003.
Frei João Alves Basílio O.P.

CARTA 1

Paciência nas dificuldades da vida

Para Lapa Piagenti

1. Saudação e objetivo

Em nome de Jesus Cristo crucificado e da amável Maria, querida mãe¹ em Jesus Cristo, eu Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, vos escrevo no seu precioso sangue, desejosa de vos ver conhecendo a si mesma e conhecendo a presença de Deus em vós.

2. Frutos do autoconhecimento. Conclusão

Sem esse conhecimento não participareis da vida da graça. Vós deveis ter esta santa e grande preocupação: de que por vós mesma nada sois e de que vem de Deus o que sois. Dele recebestes o ser e, dia após dia, Deus vos concede muitos favores e graças. Se fordes grata a Deus, alcançareis a perfeita paciência e não ficareis a fazer comparações entre sofrimentos grandes e sofrimentos pequenos, porque então os grandes vos parecerão um nada a ser suportado por Jesus Cristo crucificado. Avalia-se o bom soldado de cavalaria no campo da batalha. Também vossa alma tem de ser experimentada na luta das grandes dores. Se vossa alma se mostrar bastante paciente, se não desanimar nem se revoltar, se não se escandalizar diante dos acontecimentos que Deus permite, poderá rejubilar-se, alegrar-se e, contente, esperar a vida eterna. Apoiada na cruz e fortalecida pelas dores e sofrimentos de Cristo, tranquila aguardareis a eterna visão de Deus. Quem é perseguido e atribulado neste mundo, depois será saciado, consolado e iluminado na contemplação da divindade em

¹Mãe de 25 filhos, Lapa queixava-se muito das dificuldades da vida após a morte do marido. Catarina soube disso em Roma e escreveu à mãe, pedindo-lhe paciência.

gozo total, imediato, da divina doçura, mais ainda. Desde agora o Senhor consola os que por ele labutam. Mas sem o conhecimento de nós mesmos e sem o conhecimento da presença de Deus em nós, jamais atingiremos tão grande felicidade. Quanto sei e posso, suplico-vos que procureis com empenho esse conhecimento para obtermos² a recompensa dos nossos esforços. Permanecei no santo e doce amor de Deus. Jesus doce, Jesus amor.

²Catarina deveria dizer “obterdes”, mas era seu costume assumir as dificuldades alheias. O leitor perceberá em quase todas as cartas esse modo de falar, que demonstra a delicadeza da missivista ao dar conselhos.

CARTA 2

Os males do egoísmo

Para o padre André Vitroni

1. *Saudação e objetivo*

Em nome de Jesus Cristo e da amável Maria, caríssimo irmão e pai¹ por respeito ao sacramento (da ordem) no doce Cristo Jesus, eu Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, vos escrevo no seu precioso sangue, desejosa de vos ver perfeitamente iluminado, para que reconheçais a dignidade (sacerdotal) em que Deus vos pôs.

2. *Necessidade da iluminação divina*

Sem a iluminação divina² não conseguireis reconhecer tal dignidade. E não a reconhecendo, deixareis de louvar e glorificar a suprema bondade que vo-la concedeu; nem alimentareis a fonte da piedade na gratidão. Com exagerado descuido e falta de gratidão, vossa alma se debilitará. Sem esse conhecimento não existe amor. Quem não ama a Deus, não lhe agradece. É muito necessária, pois, a iluminação divina.

3. *O egoísmo nasce do orgulho*

O egoísmo é uma árvore frutífera enraizada no orgulho. O egoísmo nasce do orgulho e vice-versa. O egoísta é presunçoso. Os frutos dessa árvore são mortíferos para a vida da alma. Alimentando-se com tais frutos em suas tendências individualistas, a pessoa voluntariamente cai no pecado mortal, vivendo sem o autoconhecimento, que é pai da humildade. Esta última, por sua vez, constitui a raiz da caridade

¹O padre Vitroni era um grande admirador de Catarina. Ela o chama irmão e pai.

²Sobre as diversas espécies de iluminação, veja *O diálogo*, Paulus, p. 205s.

que tudo orienta. Quem ama a si mesmo, não conhece a Deus, ardente chama de amor. Assim despojado da iluminação divina, tão necessária, e sem conhecer a Deus, o cristão não ama. Assemelha-se a um animal.

4. *Como vivem os bons sacerdotes*

Ao contrário, o cristão que usa a razão³ torna-se um anjo na terra. Sobretudo os sacerdotes, que Deus chama de “ungidos” (Sl 104,15; 2Rs 1,14), devem ser anjos, não homens! E realmente o são, quando não recusam a iluminação divina. O sacerdote desempenha o ofício dos anjos! O anjo está a serviço de cada pessoa por diversos modos, conforme Deus o quer, ao colocá-los como nossos protetores. Assim os sacerdotes na hierarquia⁴ dão-nos o corpo e o sangue de Cristo crucificado, Deus e homem pela união da natureza divina com a humana; em Jesus a alma estava unida ao corpo; a alma e o corpo estavam unidos à divindade, em natureza igual à de Deus Pai. Mas o sangue e o corpo de Jesus devem ser ministrados por pessoas retamente iluminadas por Deus na ardente chama da caridade, para suas almas não serem devoradas pelo lobo infernal. Sacerdotes assim alimentam-se de virtudes, que depois são dadas às almas para a vida na graça, como frutos de uma caridade perfeita e verdadeira.

5. *O egoísmo degrada leigos, religiosos e sacerdotes*

Como dissemos antes, agem diversamente os que cultivam na alma a árvore do egoísmo. Toda a sua vida é corrompida, uma vez que corrompida está a raiz principal, a afeição da alma. Se são leigos, mostram-se maldosos nas suas funções: cometem injustiças, vivem na impureza sem nenhuma racionalidade. Nem merecem ser chamados de homens porque, guiados pelo instinto animal, renunciaram à luz da razão. Tratando-se de religiosos ou sacerdotes, suas vidas não imitam a vida dos anjos, nem a dos homens, mas a dos animais, que rolam na lama. Às vezes são piores que os leigos! De que ruína e castigos são dignos! A linguagem humana é incapaz de o descrever.

³Ao falar da razão humana, Catarina sempre a supõe iluminada pela fé.

⁴Catarina indica a hierarquia eclesial com a expressão “corpo místico”. A Igreja na sua totalidade é chamada “Corpo universal da santa Igreja”.

No dia do juízo, a alma experimentalá! Tais pessoas desempenham o papel dos demônios, que procuram afastar as almas de Deus para levá-las consigo ao falso descanso. Também eles abandonaram a vida reta e santa, perderam a iluminação divina, vivem na maldade. Vós (padre André) e os demais sacerdotes sabeis disso e o vedes! Há padres e religiosos cruéis consigo mesmos, amigos do demônio e companheiros dele antes da hora. São cruéis também com os outros, pois não amam o próximo na caridade. Não protegem as almas; devoram-nas. Põem-se a si mesmos nas mãos do lobo infernal. Ó homem infeliz! Quantas coisas te pedirá o supremo juiz e tu não as poderás dar. Por isso cairás na morte eterna. Não percebes o castigo futuro, porque estás sem a iluminação divina, não tens consciência da missão que Deus te deu.

Alguém assim não leva vida de religioso, porque tudo nele está desordenado. Nem leva vida de clérigo, fiel à Liturgia das Horas, como é seu dever, cuidando dos pobres, zelando pela Igreja. Ao contrário, tais pessoas vivem como senhores, no luxo e nos prazeres, com muitos ornatos, muita comida, muito orgulho e empáfia. Parecem insaciáveis. Se possuem um benefício,⁵ querem dois; se possuem dois, querem três. Jamais se dão por satisfeitos. No lugar da Liturgia das Horas – oxalá não fosse verdade! – põem prostitutas, armas e espadas, como para se defenderem de Deus contra quem está em guerra. Mas como lhes será difícil, quando o Senhor estender para eles a vara da justiça divina. Com seus bens, tais infelizes alimentam filhos e outros demônios encarnados, amigos seus.

Pois bem, tudo isso brota do egoísmo, que dissemos ser uma árvore cujo fruto é o pecado. Árvore que dá morte à alma, retirando-lhe a graça e privando-a da iluminação divina. Sendo o egoísmo tão perigoso, ocorre fugir dele e estar atento para que não penetre na alma. E se aí já estiver, é preciso procurar o remédio.

6. *Remédios para o egoísmo*

O remédio contra o egoísmo é este: permanecer na cela do coração, reconhecer que por nós mesmos nada somos, reconhecer

⁵Entende-se por “benefício” um encargo religioso, que dá direito a rendas.

a bondade divina, pois de Deus tudo recebemos, reconhecer os próprios defeitos, reprimir a sensualidade.⁶ Com isso nos afastamos do egoísmo, nos vestimos da caridade, roupa nupcial indispensável para a vida eterna. Diante da porta da cela do coração, ponha-se como cão⁷ de guarda a consciência. Latirá ela ao se aproximarem os inimigos, que são os variados sentimentos do coração. Mas também latirá para os amigos quando chegarem, ou seja, para os bons desejos de praticar o bem. Juiz da consciência será a razão iluminada pela fé, a qual dirá se os sentimentos são bons ou maus. Dessa forma, a cidade da alma estará fortemente defendida, de maneira que o demônio ou qualquer outra criatura possa tomá-la de assalto. E tal cidade crescerá na virtude, até o dia da vida eterna. Sob a luz da razão (iluminada pela fé) e livre do egoísmo, a alma crescerá.

7. Conclusão

Em tudo isso pensava eu, quando afirmei no começo da carta que estava desejava de vos ver iluminado de maneira perfeita. Quero que nos acordemos do sono da negligência e vivamos iluminados. Então seremos anjos na terra, mergulhados no sangue do Crucificado, em suas chagas. Permaneci no santo amor de Deus. Recebi vossa carta e entendi o que ela diz. Mas convencei-vos de que por mim mesma nada de bom tenho a mostrar, além de uma grande miséria e pouco entendimento. O resto pertence a Deus, suprema e eterna Verdade. Atribuí a ele tudo, não a mim. Com ternura peço as vossas orações. Jesus doce, Jesus amor.

⁶Catarina fala de “sensualidade”, mas sem conotação especificamente sexual. Em nosso modo de falar hoje teríamos de dizer “sensibilidade”, com tudo o que o termo inclui de tendência para o mal após o pecado original.

⁷A linguagem de Catarina é muito imaginativa, dificultando bastante a tradução para nosso modo de falar hoje.

CARTA 3

Como eliminar o ódio mútuo

Para o pároco de Casole e padre Tiago Mansi

1. Saudação e objetivo

Em nome de Jesus Cristo crucificado e da amável Maria, caríssimos pais e irmãos¹ em Jesus Cristo, eu Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, vos escrevo no seu precioso sangue, desejosa de vos ver no seguimento do Cordeiro, morto por nós no madeiro da santa cruz.

2. Jesus, caminho da paz

Jesus fez-se nossa paz (Ef 2,14) e nosso mediador. Colocou-se entre Deus e a humanidade, transformou a grande guerra (do pecado original) em grande paz através de sua inestimável bondade. Por essa razão vós sois membros e escravos remidos por tão precioso e glorioso sangue, deveis trilhar os passos (1Pd 2,21) de Jesus. Sabeis que ele se pôs como norma e caminho, quando disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Jesus é o caminho suave e iluminado. Quem por ele vai, não anda na escuridão (Jo 8,12). Mas nós, maldosos e infelizes, continuamente deixamos esse caminho e enveredamos pelas trevas, que conduzem à morte eterna.

Pais e irmãos, não quero que façais assim. Quero que sigais as pegadas do Cordeiro, morto numa grande chama de amor, mediador da paz entre Deus e os homens. Este é o caminho que desejo ver-vos percorrendo. Sede vós mesmos os intermediários² entre vós e Deus,

¹Casole era uma paróquia distante uns 35 quilômetros de Sena. O pároco se desentendera com o auxiliar chamado Tiago Mansi. Catarina lhes pede a reconciliação.

²Em *O diálogo* (ed. Paulus, p. 38s) Catarina explica que a pessoa humana é o “meio” para revelar-se nosso amor por Deus.

entre a sensualidade e a razão, expulsando o ódio (pelo próximo) com o ódio (por si mesmo) e o amor (por si mesmo) com o amor (pelo próximo). Em outras palavras, odiai o pecado mortal, odiai a culpa contra Deus, odiai a sensualidade, odiai a lei perversa (Rm 7,23), sempre rebelde ao Senhor. Odiai o ódio ao próximo. Quem odeia outra pessoa ofende a Deus. Nem os inimigos, que sem razão nos ofendem e prejudicam, podemos odiar. Quem odeia mortalmente alguém, de fato odeia mais a si mesmo que ao adversário.

3. As ofensas nos purificam

Sabeis que o ódio cresce na proporção da ofensa. Assim, é maior o ódio em quem é ofendido na própria pessoa do que em quem é ofendido por palavras ou nos seus bens. Nada é mais precioso que a vida. Todos consideram grande injúria a ofensa à própria pessoa, e sentem maior ódio. Mas pensai bem. Não há comparação entre a ofensa que uma pessoa comete contra outra e o prejuízo que causa a si mesma. Que comparação há entre o finito e o infinito? Nenhuma! Vede. Sou ofendido no corpo e, por tal motivo, odeio. Ao fazê-lo, atinjo minha alma e a mato (espiritualmente), retirando-lhe a graça. Dou-lhe a morte, a morte eterna, se morrer em tal pecado, coisa muito possível. Portanto, maior deveria ser meu ódio contra mim mesmo, que matei minha alma, do que contra alguém que maltratou meu corpo mortal, de qualquer modo perecível, corruptível, que subsiste apenas na medida do seu vigor. O corpo subsiste no corpo e tem valor, enquanto conserva (em si) o tesouro da alma. Que é ele sem tal pedra preciosa? Um saco de esterco, peso morto, alimento de vermes. Não quero, pois, que ofendais a Deus e à vossa alma, vivendo no ódio e no rancor, por causa de uma ofensa feita ao corpo mortal. Maior motivo tendes para odiar vossos corpos, do que para odiar a Deus e vossas almas. Com ódio expulsai o ódio! Pelo ódio contra vós, expulsai o ódio contra o próximo. Com um único golpe, agradareis a Deus e ao próximo. Ao afastar o ódio de vossas almas, fareis as pazes com Deus e com o próximo. Queridos irmãos! Se agirdes assim, imitareis o Cordeiro, norma e caminho pelo qual chegareis ao porto da salvação. Na cruz, o Senhor expiou em si a ofensa feita ao Pai e nos deu a graça. Somente por ele a grande guerra se transformou em grandíssima paz. Por causa da culpa humana e da ofensa

feita ao Pai, Jesus assumiu o pecado e tirou vingança em si mesmo, embora jamais houvesse pecado (2Cor 5,21). Eis o que fez o ódio, o que fez o amor! Eis o que fez o amor pela virtude, o que fez o ódio ao pecado mortal. Repito-vos. Essa é a norma que deveis seguir! Bem o sabeis! Com nossos numerosos pecados, odiamos e desprezamos a Deus, estamos em guerra contra ele. Mas o Cordeiro verteu o sangue e podemos fazer a paz. Resta-nos, porém, um único modo: participar do sangue do Cordeiro, munindo-nos de ódio e amor! Temos de considerar a ignomínia, as dores, a desonra, os flagelos, a morte de Cristo na cruz; de pensar que fomos nós que o matamos; e que, dia a dia, continuamos a matá-lo ao pecar mortalmente. Não foi por pecados seus que Jesus morreu, mas pelos nossos. Isso fará a pessoa conceber grande ódio pelas próprias culpas, eliminar o veneno do pecado mortal e não desejar vingar-se do próximo. Pelo contrário. Amará o desafeto e o ajudará a penitenciar-se de suas culpas. No que diz respeito à ofensa recebida, não a considera como proveniente de uma criatura, mas como permitida pelo Criador, ou como algo merecido pelos próprios pecados. Não a tomará como ofensa, mas como misericórdia do Senhor, que achou por bem punir nesta vida passageira em vez de fazê-lo na futura, onde o arrependimento não mais existe.

Eis a solução. Não há outra. Os demais caminhos conduzem todos à morte. Mas nos caminhos do bom Jesus não há morte, nem fome; somente vida, perfeita saciedade, pois ele é o Homem-Deus. O caminho de Cristo é seguro, sem ameaças de inimigos, sejam demônios, sejam homens. Quem vai por essa estrada caminha tranquilo e repete com o apóstolo Paulo: “Se Deus está a nosso favor, quem estará contra nós?” (Rm 8,31).

4. Incerta é a hora da morte

Vós sabeis muito bem que Deus jamais estará contra vós, se não viverdes na infelicidade do pecado mortal; pelo contrário, ele vos tomará consigo, misericordioso e bom. Pelo amor de Cristo crucificado, não abandoneis mais o caminho e a norma, a vós dados pelo vosso Chefe crucificado, o bondoso Cristo Jesus. Erguei-vos vigorosamente, sem mais demora. O tempo não vos espera. Somos mortais, morreremos. E sem saber quando. Uma coisa é certa: sem um roteiro,

não podemos caminhar. E o roteiro, como dissemos, é aquele: ódio e amor. Pelo ódio (ao pecado) e o amor (à virtude) Jesus conseguiu o perdão, punindo em si mesmo nossa maldade. Erguei-vos vigorosamente, não continueis a dormir (Rm 13,11) no leito da morte. Com o ódio expulsai o ódio, com o amor expulsai o ódio. Penso no amor a Deus, a que sois obrigados por dever e mandamento; penso no amor à salvação de vossas almas, presentemente em estado de condenação pelo rancor que tendes. Repito. Com tal amor afastareis o ódio, sempre portador de sofrimento, morte e tribulações a quem o segue e leva consigo, desde esta vida, a garantia do inferno.

Desde agora o homem pode saborear a vida eterna, convivendo com Deus em diálogo de amor. Não é grande cegueira, por acaso, ser merecedor do inferno, vivendo com os demônios no ódio e no rancor? Quem entende tamanha tolice? Não se poderia praticar vingança...³ Parece que pessoas assim nem querem esperar a sentença do supremo Juiz de irem para a companhia dos demônios (Mt 25,41). Elas mesmas já pronunciaram a sentença. Antes da alma deixar o corpo, durante esta vida, correm como o vento para a perdição eterna. Vão despreocupados, como loucos, em delírio...

5. O julgamento divino. Conclusão

Ai de mim, ai de mim! Abri vossa inteligência. Não espereis a força e o poder do Juiz supremo. Diante dele não existe apelação, nem advogados, nem procuradores. O advogado constituído pelo Juiz divino é a consciência que, naquele derradeiro juízo, condena a si mesma ao considerar-se digna de morte. Julguemo-nos, então, desde agora, por amor de Jesus crucificado. Se nos acharmos pecadores, ofensores de Deus, imploremos misericórdia. Se não estamos a julgar e condenar os outros, Deus nos perdoará. Pois devo usar com o próximo a misericórdia que desejo para mim. Agindo desse modo, saboreareis realmente a Deus, vivereis seguros, sereis os próprios intercessores junto de Deus.

Após ter meditado sobre tudo isso, sinto compaixão de vossas almas. E por desejar que não continueis no escuro, ousei convidar-

³A frase chegou até nós interrompida e sem significado.